

# OS ESCRITOS PÚBLICOS FRONTEIRIÇOS: UM ESTUDO DA PAISAGEM DA FRONTEIRA OIAPOQUE-SAINTE-GEORGES À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA

Jamille Luiza de Souza Nascimento<sup>1</sup>

Kelly Cristina Nascimento Day<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva apresentar o mapeamento dos escritos públicos presentes no panorama franco-brasileiro como resultado da investigação de como e se a paisagem linguística da fronteira expõe as estratégias político-linguísticas adotadas pelos falantes de Português e Francês em contato na região e como essas estratégias operam na modelagem da ecologia linguística. Além disso, o trabalho visa classificar e categorizar os escritos públicos de Oiapoque e elaborar um cenário dessas políticas *in vitro* e *in vivo*. As análises propostas são realizadas sob as perspectivas teórico-metodológicas provenientes das discussões Ecolinguísticas de Haugen (1972), Couto (2002-2018), Albuquerque (2020), associadas às proposições sobre Política Linguística de Calvet (1996-2002), Savedra e Lagares (2012), Spolsky (2016), bem como sobre a constituição do meio ambiente enquanto espaço que reflete as dinâmicas linguísticas, com as abordagens sobre a Paisagem Linguística de Shohamy e Gorter (2009) que são fundamentais para o entendimento sobre os ecossistemas e suas espécies linguísticas. É um trabalho de cunho quanti-qualitativo e descritivo, efetivado a partir da coleta imagética dos usos da língua francesa no *locus da pesquisa*. De modo geral, percebeu-se que

a paisagem linguística é por si só uma das estratégias de interação comunicativa, ilustrando os usos cotidianos das línguas no ecossistema. Observou-se ainda que as placas tendem a ser o marco referencial dessas estratégias; é uma paisagem plurilinguística, concentrada, principalmente, na parte central da cidade e tende a ser oriunda de acordos pessoais, com finalidade informativa e com característica local, refletindo o bilinguismo endêmico da região.

**Palavras-chave:** Ecolinguística; Fronteira franco-brasileira; Política linguística.

## Introdução

A fronteira franco-brasileira, assim como muitas áreas limítrofes entre países com línguas diferentes, é constituída por um espaço urbano singular, que engloba a

---

1 Graduada em Letras (Português-Francês) na Universidade do Estado do Amapá (UEAP), bolsista de iniciação científica – PROBIC.T. Graduada em Gestão Ambiental pela Faculdade de Macapá (FAMA). E-mail: jamille.luiza8254@gmail.com

2 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestra em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora adjunta da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). E-mail: kelly.day@ueap.edu.br

pluralidade de indivíduos, suas línguas, culturas, organizados em grupos sociais. Essa pluralidade linguística e sociocultural pode ser observada na formação de uma paisagem linguística heterogênea que se consolidou ao longo dos anos e em decorrência do contato diário entre esses falantes. Tendo em vista essa asserção, este trabalho objetiva analisar a paisagem desta área, a fim de investigar as estratégias político-linguísticas postas em prática para sanar os entraves comunicativos decorrentes das diferenças entre espécies linguísticas e como a paisagem ilustra tais estratégias.

A hipótese de partida é que uma espécie linguística é utilizada rotineiramente nas interações comunicativas em Oiapoque, o que reflete seu uso em placas, avisos, nomes de estabelecimentos, anúncios que são feitos de forma monolíngue, bilíngue, trilíngue, visando atender aos falantes naquela área. Outras conjecturas se referem aos acordos tácitos para que as políticas organizacionais de comunicação sejam implementadas nos escritos públicos; os proprietários/gestores/trabalhadores que atuam diariamente na região entendem a necessidade do uso da língua pela posição geográfica, isto é, reconhecem a língua como parte dos ecossistemas e de suas comunidades de fala; na falta de políticas *in vitro* e para preencher as lacunas deixadas, há a presença de acordos linguísticos convencionados nas práxis diárias; as políticas linguísticas *in vitro* não refletem as políticas *in vivo* adotadas pelos falantes.

Assim, buscou-se primeiramente, neste trabalho, apresentar a perspectiva teórica da Ecolinguística a partir das discussões propostas por Haugen (1972), Couto (2002-2018), Albuquerque (2020), associadas às proposições sobre Política Linguística de Calvet (1996-2002), Savedra e Lagares (2012), Spolsky (2016), bem como sobre a constituição do meio ambiente enquanto espaço físico que reflete as dinâmicas linguísticas, a partir das abordagens sobre a paisagem linguística de Shohamy e Gorter (2009), que são, nesse contexto, fundamentais para o entendimento dos ecossistemas e suas espécies linguísticas. Em seguida, apresentaram-se os parâmetros metodológicos da pesquisa e a discussão dos dados à luz da Ecolinguística. Por fim, na conclusão, retomam-se os resultados evocados pela pesquisa, de modo a configurar as políticas linguísticas e seu papel na preservação da linguodiversidade fronteiriça.

## **1 Política, paisagem e Ecolinguística como tripé fundamental para análise linguística fronteiriça**

A política linguística entra no cenário social “como um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social” e o “planejamento linguístico como a implementação concreta de uma política linguística” (CALVET, 2002, p. 133). Complementando essa conceituação, a política linguística pode ser definida “como sendo a determinação de grandes escolhas relativas às relações entre

as línguas e determinadas sociedades e a planificação linguística como a política posta em prática como um ato de autoridade” (SAVEDRA; LAGARES, 2012, p. 12).

Em Spolsky (2016), discute-se o surgimento dessa abordagem política realizada por linguistas que trabalharam na assistência aos estados recém-independentes depois da Segunda Guerra Mundial, com intuito de resolver problemas linguísticos das nações em ascensão. Savedra e Lagares (2012) afirmam que o uso dos termos “política” e “planificação linguística”, introduzidos por Haugen (1959) com o termo “*language planning*”, não data de muito tempo: eles aparecem na transição dos anos 1950 para 1960, ocupando-se das línguas em contato e seus estudos estruturais. Souza e Soares afirmam posteriormente que as noções de PL foram ampliadas com a definição de Schiffman (1996 *apud* SOUSA; SOARES 2014, p. 104) ao serem consideradas como “um construto cultural que está intimamente relacionado a outros elementos como sistemas de crenças e atitudes”. A partir dessa percepção, origina-se a noção de políticas linguísticas implícitas (vistas nas práxis diárias) e explícitas (pensadas para regulação e regulamentação da língua).

Ainda em Spolky (2016), o autor retoma a abordagem feita em 2005 sobre os três componentes<sup>3</sup> inter-relacionados à natureza das políticas linguísticas, que são as práticas linguísticas reais dos membros da comunidade (PL *in vivo*), as crenças sobre a língua e os esforços para mudar as práticas e as crenças (PL *in vitro*). Para Calvet (1996 *apud* DAY, 2016):

A política *in vivo* decorre das práticas sociais, ou seja, das soluções encontradas pelas pessoas no seu dia a dia para uma dada situação linguística e a *in vitro* quando as ações procedem do poder público, quando são fruto da intervenção do Estado, por meio de leis e decretos, sobre essas práticas. O autor lembra, ainda, que estas duas abordagens são extremamente diferentes e que as relações entre elas podem por vezes ser conflituosas se as escolhas se chocam entre si ou entram em choque com os sentimentos linguísticos dos falantes (DAY, 2016, p. 148).

Para que se entendam as ocorrências singulares de uma área fronteira, é necessária uma clara distinção entre as políticas que se desenvolvem nos domínios linguísticos. As práticas linguísticas diárias do ecossistema recortado neste estudo abarcam uma série de regras e práticas que precisam ser destacadas.

Essas políticas nivelam e instituem os usos das línguas, a política linguística *in vitro*, por exemplo, pode ser posta em prática mediante um planejamento onde é possível, na visão haugeniana, organizar a perspectiva sobre o *status* das línguas

---

3 No texto original: “*Language management refers to the formulation and proclamation of an explicit plan or policy, usually but not necessarily written in a formal document, about language use. The members of a speech community share also a general set of beliefs about appropriate language practices, sometimes forming a consensual ideology, assigning values and prestige to various aspects of the language varieties used in it. These beliefs both derive from and influence practices. They can be a basis for language management, or a management policy can be intended to confirm or modify them. Language ideology or beliefs designate a speech community’s consensus on what value to apply to each of the language variables or named language varieties that make up its repertoire*” (SPOLKY, 2005, p. 2.154).

em comunidades de fala multilingues, através do redimensionamento dos meios ambientes e nichos das línguas, ou seja, das funções que estas línguas exercem, podendo, naquela comunidade, moldar a percepção dos falantes sobre o prestígio que essas possuem (como língua oficial, nacional, informativa, educacional, midiática, dentre outras). Do mesmo modo, é possível planejar características endolinguísticas – o planejamento do *corpus*, estrutura interna de uma língua, tais como o léxico, sintaxe, ortografia, dentre outros. As reformas ortográficas, por exemplo, que acontecem com relativa frequência, são ações derivadas de um planejamento linguístico resultante de políticas linguísticas *in vitro*.

Quanto às políticas linguísticas *in vivo*, partimos do conceito de Calvet (1996) que afirma ser a forma como os falantes se organizam para resolver os entraves comunicativos diários. Essa forma de gestão da língua está ligada às práticas, ou seja, à escolha da língua a ser usada no dia a dia por um vendedor, por exemplo; a mudança de língua feita por um garçom durante um atendimento a um estrangeiro, a decisão de proprietários dos hotéis em contratar funcionários que falem francês, a escolha do nome de um estabelecimento, o cardápio bilíngue, os avisos e placas bilíngues presentes nas ruas, essas e inúmeras outras escolhas são políticas que regulam o uso da língua; para que essas políticas sejam realizadas, é preciso haver uma seleção permeada por diversos aspectos que constituem o repertório comunicativo do falante.

A paisagem linguística, por sua vez, entra nesse contexto como um reflexo das escolhas e acordos linguísticos presentes nas regiões fronteiriças balizadas pelo contato entre as línguas. “É a atenção à linguagem no ambiente, palavras e imagens exibidas e expostas em espaços públicos, que constitui o centro das atenções nesta área em rápido crescimento, referida como paisagem linguística (linguistic landscape – LL)” (SHOHAMY; GORTER, 2009, p. 1).

As línguas, tratadas neste estudo como espécies linguísticas, podem ser encontradas no cotidiano daquele espaço, do mesmo modo que são faladas pelos habitantes, transeuntes e visitantes. Elas estão presentes nas ruas, lojas, placas, comércios, postos, órgãos governamentais, avisos, podendo ser utilizadas de modos e por motivações diversas. Para Shohamy e Gorter (2009), a língua pode se relacionar com as pessoas presentes em um meio ambiente, para além da fala, através de sua incorporação visual, pois são os usuários que optam pelo uso e sua forma.

Silva *et al.* (2016) trazem em seus estudos algumas considerações que Shohamy e Gorter (2009) fazem a respeito das políticas linguísticas configuradas na paisagem linguística.

Os autores categorizam a PL, segundo sua origem, como *top-down* e *bottom-up*, sendo a primeira aquela que passa por regulações governamentais; exemplificadas através de nome de ruas, edifícios públicos, placas de obras, dentre outros. Já a segunda é estabelecida nas práticas diárias por pessoas em suas propriedades privadas ou espaços públicos, como nome de lojas e avisos aos clientes, restaurantes, associações. Nesses termos, “a paisagem linguística de uma região, além

de evidenciar como o multilinguismo é semiotizado no espaço público, pode funcionar como um marcador informativo e simbólico do poder e do status das comunidades linguísticas que habitam o território” (SILVA *et al.*, 2006, p. 1.262).

Nesse contexto, a paisagem linguística da área em estudo é relevante para a compreensão da ecologia linguística da fronteira franco-brasileira com base na formação e presença dos arranjos e das políticas linguísticas *in vivo* e *in vitro*, principalmente pela inexistência de trabalhos dessa natureza na região. Essa área, assim como as diversas fronteiras espalhadas pelo mundo, pode servir de observatório para um maior entendimento sobre a biodiversidade linguística e suas dinâmicas de vivência, sobretudo em área de contato, e para a propositura de políticas diferenciadas que entendam a língua de forma heterogênea, como um organismo que é parte fundamental de um ecossistema.

No que concerne à Ecolinguística, entendemo-la como uma ciência capaz de trazer uma nova perspectiva e amplitude às pesquisas linguísticas. O holismo, sua principal característica, mostra que a língua é muito mais que um instrumento de comunicação ou fala. Inicialmente, Haugen a definiu como *Langage ecology*, o estudo da interação de uma língua e seu meio ambiente, propondo uma analogia à ecologia biológica. Abrindo possibilidades a outros entendimentos sobre esta ciência, no Brasil, Couto (2013) define a Ecolinguística como “a disciplina que estuda o modo costumeiro de os membros de uma comunidade interagirem verbalmente entre si” (COUTO, 2013, p. 295). Em ato contínuo, o autor a conceitua como sendo “o estudo da linguagem humana como interação sob todos os aspectos” (*idem*), sendo a língua, portanto, é um instrumento complexo e fundamental para a interação social no interior de um ecossistema.

Albuquerque (2020), por sua vez, destaca um ramo da Ecolinguística denominado de Linguística Ecológica, doravante LE, que se dedica ao estudo dos ecossistemas e das interações que ocorrem dentro deles. Com assente nisso, define o ecossistema como “um composto de população de organismos e das diversas interações organismo-organismo e organismo-habitat” (ALBUQUERQUE, 2020, p. 125), e dentro deles seus meios ambientes. Jiménez (2020)<sup>4</sup> postula na linguística ecológica que o conceito de ecossistema é aplicável à língua por essa fazer parte de um meio, nos aspectos externos, chamados por Makkai (1993), de exoecologia, e por conter, dentro de seu arcabouço, um ecossistema denominado de *endoecologia*. Isso posto, o autor considera que a Ecolinguística pode ser entendida e aplicada como um campo de estudos científicos dos ecossistemas linguísticos. A LE é parte da ecologia geral ou macroecologia, seu praticante não traslada metaforicamente conceitos da ecologia biológica para os estudos linguísticos, “Ele é um ecólogo que faz ecologia linguística, outro nome para Ecolinguística” (COUTO, 2015, p. 48).

---

4 No texto original: “*En el caso de las lenguas, el concepto de ‘ecosistema’ es perfectamente aplicable por el hecho de que la lengua forma parte de un ecosistema, que es su exoecología (aspectos externos), pero a su vez contiene ecosistemas en su interior, su endoecología. Por eso, la ecolinguística puede ser vista como la ciencia que estudia los ecosistemas lingüísticos*” (tradução nossa).

Couto define o objeto de estudo da Ecolinguística afirmando que:

O objeto maior da Ecolinguística são, efetivamente, as relações entre língua e seu meio ambiente. Só que o meio ambiente da língua compreende tanto o meio ambiente social quanto o meio ambiente natural. O meio ambiente social se subdivide em social propriamente dito e psíquico, cognitivo ou mental. O meio ambiente natural compreende o território, a fauna, a flora, o ar e muito mais. Como se vê, o objeto da Ecolinguística é bastante complexo, motivo pelo qual se têm usado diversos rótulos para designar os estudos ecolinguísticos (COUTO, 2002, p. 8).

Couto (2015) afirma ainda que, para a linguística ecossistêmica, o mais importante é, essencialmente, a interação ocorrida no interior do ecossistema linguístico, onde cada parte se fragmenta em um ecossistema próprio e sistematizado, contudo, diferenciando-se por ser desvolto e aberto. O autor também estabelece elementos importantes para a constituição do ecossistema, esses elementos auxiliam nos desdobramentos da perspectiva Ecolinguística, iniciando pelo termo “diversidade”. Couto (2015) afirma que, quanto mais diverso de espécies for o ecossistema, mais solidez ele apresentará; do mesmo modo, quanto menos tiver, mais frágil será. A troca de matéria, energia e informações, além do fluxo de interações e contatos com os ecossistemas do entorno é possibilitada pela *porosidade* ou *abertura* dos ecossistemas. A visão da totalidade, para Couto (2007), pode ser entendida como *holismo*. O último aspecto é a *visão a longo prazo* pois é através dela que se consegue perceber as consequências dos atos e assim adotar um posicionamento sustentável.

Considerando que a língua se entrelaça com o espaço na formação dos ecossistemas e seus meios ambientes, o autor propõe a constituição do ecossistema através das inter-relações ou interações entre a população de uma área e seu território através de uma língua (COUTO, 2015). Em sua proposição de Ecossistema Integral da Língua e Meio Ambiente Integral da língua, o autor considera o termo “integral”, por entender que concorda com o entendimento de visão do todo como uma rede de interações, contemplando, assim, os meios ambientes mental, social e natural da língua.

O Meio Ambiente (MA) social da língua, é formatado pelos membros de uma população, organizados socialmente; o corpo físico e o cérebro (onde se desenvolvem os processos mentais da língua) são o MA mental; as pessoas convivendo em um espaço geográfico, interação povo-território, formam o MA natural da língua. Para Couto (2007), o núcleo da linguagem é a interação que se passa por meio da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), sendo que essa se constitui por um falante, um ouvinte, um assunto, um conjunto de regras (interacionais, sistêmicas, comunhão). É válido reforçar, nesse contexto, que a interação é um dos conceitos mais importantes para um estudo ecológico de qualquer tipo, pois o ecossistema é constituído pelo conjunto das interações entre os seres vivos com o seu meio

ambiente, formalizando uma base conceitual para os estudos linguísticos que se fundamentam na Ecolinguística.

## 2 Metodologia

O percurso metodológico deste trabalho tem como fundamento as práticas de abordagem quanti-qualitativa e descritiva, que permitem a realização das análises e interpretações de elementos mais profundos e a descrição de todo o panorama e sua complexidade (LAKATOS, 2008). Para a coleta de dados, foram utilizados como referencial o estudo de Cenoz e Gorter (2006), que realizaram uma pesquisa para constituição de um “inventário completo da paisagem linguística de apenas uma rua” (CENOZ; GORTER, 2006, p. 70) através da determinação de um elemento de análise para que fosse feita a seleção do registro imagético. Aqui, consideramos esse método como marco para seleção do tipo de imagem a ser coletada; assim feito, cada unidade precisava conter: escritos em língua francesa, de forma monolíngue, bilíngue, trlíngue e, também, elementos que formatassem o espaço de transição – as bandeiras, uso da palavra “fronteira”, elementos do corpo do texto que possibilitassem a formatação do ecossistema linguístico.

O *locus* de pesquisa inclui um recorte dos ecossistemas de línguas portuguesa e francesa mais precisamente a região urbana do Município de Oiapoque (Mapa 1), contudo não foi delimitado um bairro ou local específico para ser analisado, uma vez que a intenção não foi de avaliar de forma quantitativa os usos das espécies linguísticas, sim analisar descritiva e quanti-qualitativamente para mapear os usos da língua francesa no Município de Oiapoque e descrever os reflexos das políticas linguísticas no cenário de forma geral.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### O lócus:



Fonte: Elaboração da autora/2022

### Coleta de Dados:

- A pesquisa foi realizada entre os dias 20 a 25 de novembro de 2021 com a equipe de pesquisadores do Grupo de Pesquisa LinLiS;
- Pesquisa imagética composta por fotografias retiradas no município de Oiapoque e na Vila de Saint-Georges (24/11); e do georreferenciamento destas imagens com marcação dos pontos no GPS;
- Entrevista com informantes para compreensão sobre o uso da língua para confecção daquele escrito.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Método inverso, ou também podendo ser entendido como inicial do que foi aplicado por Gonçalves:

O critério de fotografar dados de paisagem linguística de forma georreferenciada exige um trabalho árduo, pois inclui o trabalho prévio com mapas, o que envolve buscar mapas atualizados nas prefeituras, estudar esses mapas, traçar os bairros, descobrir a rua principal de cada bairro, para só então começar a fotografar, de forma consequente e esclarecida (GONÇALVES, 2021, p. 83).

A metodologia utilizada aqui foi de georreferenciar o ecossistema a partir da paisagem encontrada. Assim sendo, a região central do município, principalmente o setor comercial, orla da cidade, bairros centrais, onde as interações ocorrem com maior frequência, foi a que concentrou o maior número de escritos públicos.

A coleta de dados foi dividida em duas partes: a primeira sendo a *pesquisa imagética* composta por fotografias, constituídas por informações comerciais, dispostas em diferentes segmentos (Tabela 1) que pudessem agregar implícita ou explicitamente políticas linguísticas; e a segunda, o *georreferenciamento* dessas imagens com marcação dos pontos no GPS. Por fim, foi realizada a classificação desses escritos pela utilização da língua e estrutura do escrito (monolíngue,

bilíngue ou trilíngue); por campo temático de uso (comercial, serviços, saúde, prédio público, monumentos, placas privadas e públicas, restaurantes).

A pesquisa de campo foi realizada entre os dias 20 e 25 de novembro de 2021 com a equipe de pesquisadores do Grupo de Pesquisa LinLiS. O *corpus* foi definido a partir do quantitativo de textos encontrados em estabelecimentos públicos e privados que constituíram o arcabouço imagético e cartográfico deste trabalho.

**Tabela 1:** Amostra dos dados coletados

Paisagem		Coordenadas		Paisagem		Coordenadas	
Identificação do escrito	Lat.	Long.	Identificação do escrito	Lat.	Long.		
Casa dos artesãos	38469574	-518365254	Posto La Rivière	38495147	-518308093		
Loja de bebê	38469899	-518366662	Hotel PLAZA	38472027	-518349228		
Prefeitura de OPQ	38470327	-518371005	Café House Bistrôt	38465786	-518348454		
Drogaria progresso	3847542	-51835947	Placa do Chalet Paradis	38409096	-51822747		
Drogaria vitória	38475861	-518366477	Voiture do Renato	38417209	-518250069		
Hotel Oyapok	38460789	-518356311	Salão Centro de Beleza	38466632	-518363091		
Hotel Fils de Dieu	38435775	-518348827	Salão Amilton torres	3846666	-51836099		
Monumento Barão do Rio Branco	38432036	-518346442	Loja belle rose	38465663	-51836042		
La belle du jour	38462258	-518359869	Ateliê do Sorriso	38466304	-518346052		
Mercadão 3m	38431982	-51829201	Consultório odontológico	38461966	-51834477		
Barraca de frutas	38.470.065	-518.61.69					

Fonte: elaborada pelas autoras (2022).

Somou-se um total de 21 placas georreferenciadas e registradas (Tabela 1), e mais 8 placas somente com registro fotográfico, totalizando 29 placas.

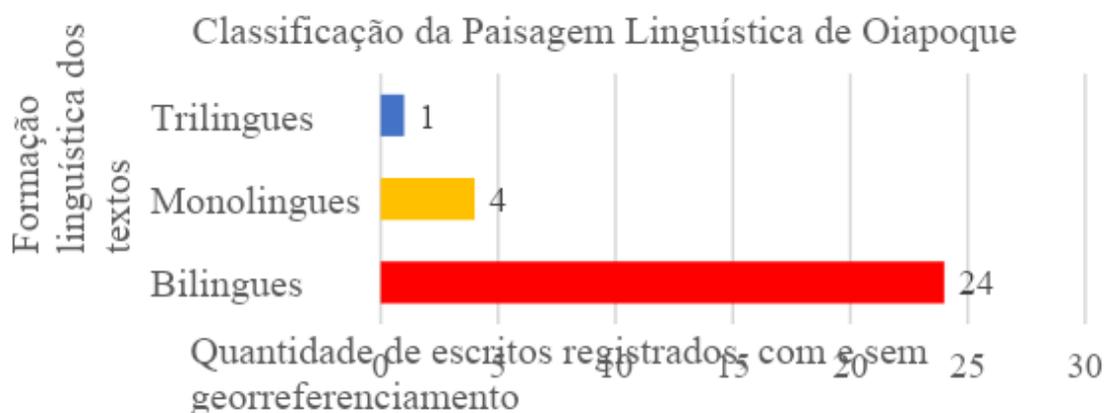
Para a análise dos dados, criou-se um esquema de decodificação a partir do empréstimo da metodologia do projeto de iniciação científica intitulado “Ecolinguística da fronteira franco-brasileira: adaptação e sustentabilidade linguística em organismos públicos de Oiapoque”, adotando algumas técnicas advindas da sociolinguística, ecologia espacial e temporal, linguística textual propostas por Albuquerque (2020), Savedra e Lagares (2012), para verificar a ocorrência de traços das línguas usadas, com atenção ao francês, com base no exame da paisagem, das políticas e elementos que permeiam a construção da área de transição linguísticas. Do mesmo modo, com base nesse método, propôs-se o norteio de estudos futuros referentes a política linguística e Ecolinguística. A partir da estratégia metodológica,

procedeu-se a: i. coleta de dados imagéticos; ii. classificação das imagens por estrutura do uso das línguas nos escritos públicos: monolíngue, bilíngue trilíngue; por campo temático (os domínios da paisagem) com auxílio do Word/Excel; iii. análise quanti-qualitativa e descritiva da composição linguística e interpretação dos dados coletados.

### 3 Classificação dos dados coletados

A análise das imagens nos proporciona um panorama formativo dos ecossistemas próprios das línguas, bem como dos que se organizam através de seus usos e que são regulados pelas políticas linguísticas marcadas no espaço público fronteiriço. Preliminarmente, o entendimento sobre a constituição desses escritos públicos, que são formados por construções trilíngues, bilíngues e monolíngues mesclando o uso do francês com o português e outras espécies linguísticas:

**Gráfico 1:** Composição linguística das placas encontradas em Oiapoque



Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

Os escritos públicos encontrados no Município de Oiapoque são constituídos por textos monolíngues, bilíngues e trilíngues. De acordo com o Gráfico 1, o corpo textual dos dados coletados é formado majoritariamente pela forma bilíngue, ilustrado pela barra vermelha no gráfico, sendo 24 imagens; em seguida, temos a composição monolíngue (placas somente em francês), marcada em amarelo, com 4 registros, e a composição trilíngue, em azul, que é formada pelo uso do português, francês e inglês na mesma placa, com 1 registro. Relacionando a formação dos escritos com o registro imagético, temos a Tabela 2, que ilustra a referência da imagem com sua composição.

**Tabela 2:** Relação entre registros e classificação do texto

Paisagem		Referência	
Identificação do escrito		Classificação	
		Uso da língua (s)	Por campo temático
1	Casa dos artesãos	Bilíngue	Prédio público
2	Loja de bebê	Bilíngue	Comércio
3	Prefeitura de OPQ	Bilíngue	Prédio público
4	Drogaria progresso	Bilíngue	Comércio
5	Drogaria Vitória	Bilíngue	Comércio
6	Hotel Oyapok	Bilíngue	Serviço
7	Hotel Fils de Dieu	Bilíngue	Serviço
8	Monumento Barão do Rio Branco	Bilíngue	Monumento
9	La belle du jour	Monolíngue	Comércio
10	Mercadão 3m	Bilíngue	Comércio
11	Barraca de frutas	Bilíngue	Comércio
12	Posto la rivière	Bilíngue	Comércio
13	Hotel PLAZA	Monolíngue	Serviço
14	Café House Bistrôt	Trilíngue	Restaurante
15	Chalet Paradis	Monolíngue	Placa privada
16	Lavage de voiture	Monolíngue	Placa privada
17	Salão Centro de Beleza	Bilíngue	Comércio
18	Salão Amilton Torres	Bilíngue	Serviço
19	(Loja) Belle Rose	Bilíngue	Comércio
20	Ateliê do Sorriso	Bilíngue	Saúde
21	Consultório odontológico	Bilíngue	Saúde
<b>Placas sem georreferenciamento</b>			
22	Posto Oiapoque – Bienvenue	Bilíngue	Comércio
23	Paula Bijoux	Bilíngue	Comércio
24	Chácara du Rona	Bilíngue	Placa privada
25	Hotel Chez Denise	Bilíngue	Serviço
26	Glacier Ice Berg	Bilíngue* Inglês – Francês	Restaurante
27	Espaço da beleza La Belle	Bilíngue	Serviço
28	C.K Pousser/Empurre	Bilíngue	Comércio
29	Excellent Clínica Integrada	Bilíngue	Saúde

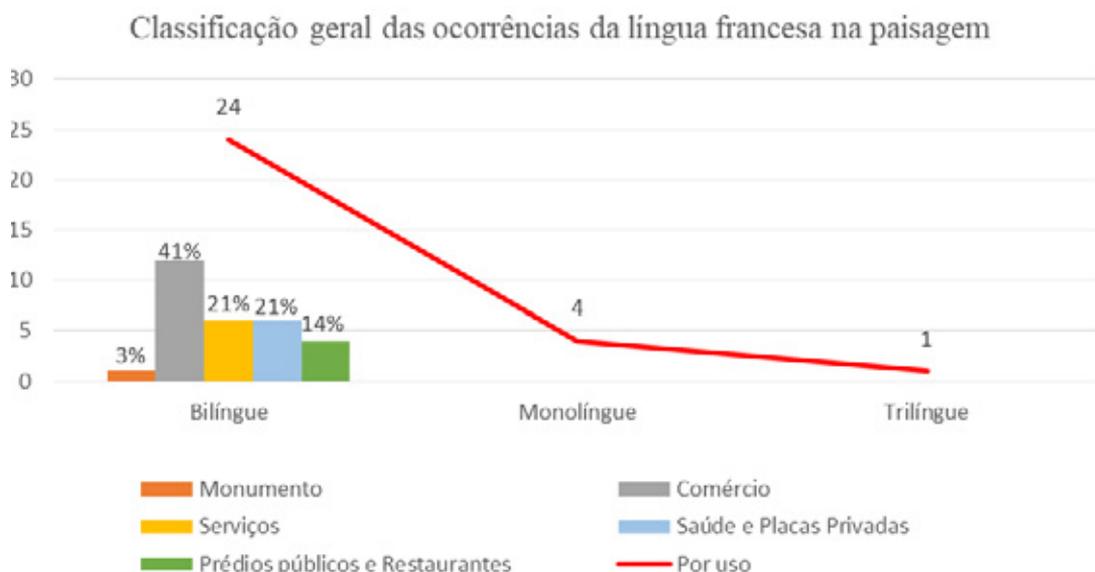
Fonte: elaborada pelas autoras (2022).

Essa constituição imagética se deve, inegavelmente, pela diversidade de falantes na realidade transfronteiriça, em que se destacam alguns fatores que contribuíram para esta formulação semiotizada na paisagem. Primeiro, a formação histórica da fronteira e a junção de duas nações com línguas distintas; segundo, as disputas

territoriais de áreas próximas, por países como a Inglaterra, Holanda, França, Portugal, dando origem a áreas de povoamento miscigenado e línguas diversas; além de questões econômicas como a descoberta e exploração de ouro por garimpos clandestinos, a busca por melhoria de vida – visto que a moeda francesa tem valor superior, o que também influenciou no crescimento do comércio varejista na região e impulsionou os fluxos das migrações, resultando no multilinguismo e nas práticas plurilíngues na paisagem. Alguns destaques precisam ser ilustrados para possibilitar o entendimento sobre a composição da paisagem. As unidades destacadas em amarelo, números 9, 13, 15 e 16, mostram as placas com composição monolíngue em seu texto, são placas escritas somente em língua francesa. A unidade de número 14, destacada em azul, foi a única registrada que é composta pelas línguas portuguesa, francesa e inglesa; outra composição que precisa ser destacada é a unidade de nº 26, destacada em vermelho, pois sua composição é formada somente pelas línguas francesa e inglesa.

Para além dos usos das línguas, foi realizada a classificação da paisagem por campo temático através das referências de uso. Nela destaca-se a predominância dessa utilização situada no comércio, representando 12 registros. Essa categoria engloba o setor de vendas da região, como lojas, farmácias, postos de combustíveis; outra predominância significativa é o setor de serviços, somando 6 unidades, de modo que nele estão incorporados salões de beleza, hotéis, estabelecimentos que oferecem serviços de forma geral; com 3 registros (em cada categoria), estão as placas privadas com os informativos dispostos em letreiros longe dos empreendimentos e os escritos relativos à saúde, que oferecem tratamentos, como clínicas de estética e odontológicas; os prédios públicos e restaurantes somam duas das categorias de análise, pois obtivemos apenas 2 registros, e os monumentos, 1 (uma) unidade. A classificação desses registros possibilita a observância das funções, a formação das comunidades de fala, a relevância social das línguas, seus usos, seu papel na construção do ecossistema linguístico fronteiriço. Essa organização permite, ainda, a distinção quantitativa (Gráfico 2) do *corpus* desta pesquisa:

**Gráfico 2:** Constituição do total de placas registradas



Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

De acordo com o Gráfico 2, a linha de variação (vermelha) demonstra o quantitativo de unidades por uso da língua, assim, a composição paisagística da área estudada é formada por: 24 unidades, correspondendo a 83% dos escritos, sendo bilíngues; 4 unidades, que constituem 14% de textos, sendo monolíngues; apenas 1 (uma) unidade, representando 3%, trilíngue. As diferenças entre o montante de imagens bilíngues e as demais categorias é resultado, principalmente, da oficialização das línguas e seus aspectos legais de uso: são as línguas oficializadas da região, logo os falantes utilizam-nas com mais frequência, bem como a necessidade comunicativa entre profissional e consumidor.

Na segunda parte do gráfico, as colunas de referência retomam os usos por eixos temáticos. Predominantemente, a língua é utilizada em escritos comerciais com 41%, em cinza; no setor de serviços e no setor de saúde e placas privadas, com 21% cada, das unidades registradas, o que representa 83% das unidades coletadas. As demais categorias representam 17% em seu total. A composição desses dados é necessária para entendimento de como são organizados os usos, as representações sociais da língua na paisagem e para os falantes, quais os atributos que essa língua acumula para formação dos nichos e comunidades. Embora este estudo seja um recorte de trabalhos mais aprofundados, conseguiu-se, através dessa análise, uma visualização de que a ilustração da língua francesa na paisagem é, por si só, uma das estratégias de interação comunicativa fronteira, agregando valor comunicativo ao mercado oiapoquense, atuando através de uma Política Linguística *in vivo* de vendas de produtos e serviços.

## 4 Discussão dos dados

Os resultados encontrados explicitam os acordos político-linguísticos feitos para utilização da língua francesa no lado brasileiro da fronteira. De modo amplo, a paisagem revela os aspectos políticos das estratégias comunicativas que formam o ecossistema fronteiriço. Os exemplos seguintes ilustram os usos das línguas e as políticas que modelam e ecologia das línguas:

**Figuras 1 e 2:** Uso bilíngue (português e francês) como PL de comunicação comercial



Fonte: registros das autoras (2021).

O uso da língua francesa varia e concorda com local, intencionalidade e representatividade. As Figuras 1 e 2 mostram que a língua está, inicialmente, nos pormenores, como instruções básicas para facilitar a comunicação na área comercial da fronteira, marcada por exemplo, por um adesivo bilíngue que repete a mesma instrução de uso da porta de entrada do estabelecimento. Outros escritos refletem o reconhecimento dos indivíduos da área de fronteira como espaço uno e de transição de falantes e línguas.

**Figura 3:** Representação da unificação e porosidade entre os ecossistemas



Fonte: registro das autoras (2021).

Couto (2007) classifica os ecossistemas linguísticos como porosos, difusos, fluidos ou flexíveis. A porosidade dos ecossistemas linguísticos marca a não delimitação nítida, “no mundo real, o que há é um *continuum*, justamente devido ao fato de que tudo no mundo está de alguma forma inter-relacionado” (COUTO, 2007, p. 34). Ainda em Couto (2007), o autor exemplifica essa relação citando que os biomas de floresta, tundra e taiga não se dividem por barreiras, o que ocorre é uma transição gradativa que vai se tornando cada vez mais nítida à medida que se adentra nestas áreas.

A Figura 3 traz exatamente essa união e porosidade dos ecossistemas, pois os usuários das línguas reconhecem que em seus estabelecimentos atenderão a falantes de português e francês corriqueiramente. Outra característica dessa porosidade é a conjunção aditiva “E” utilizada para grafar a união entre Brasil e França seguida pela frase “*Soyez les Bienvenus*”, em francês (F), e “Sejam bem-vindos”, em português (P), mostrando, através da alternância de códigos linguísticos e seus posicionamentos na placa, na seguinte ordem: P-F e F-P, que as línguas se misturam e são normalizadas.

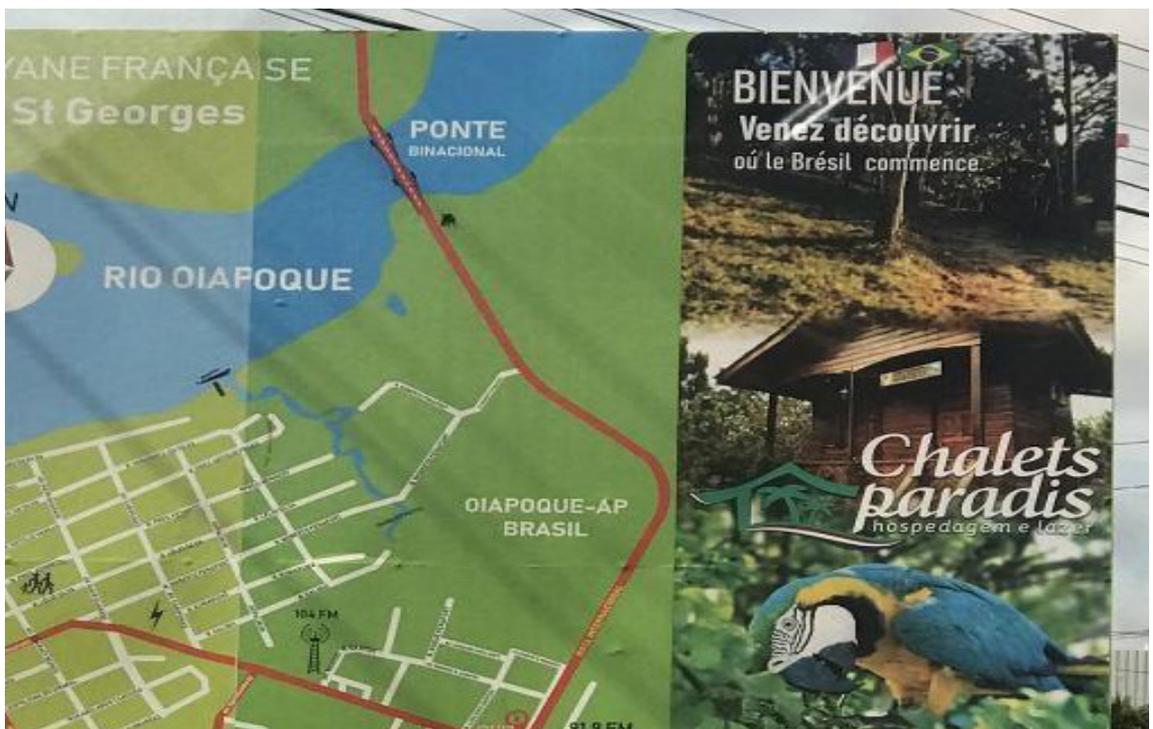
Algumas imagens mostram a língua escrita sozinha ou de forma dominante em alguns escritos públicos.

**Figura 4:** Texto monolíngue (francês) no ecossistema integral de língua portuguesa



Fonte: registro das autoras (2021).

**Figura 5:** Predominância da língua francesa em placa privada



Fonte: registro das autoras (2021).

Nas Figuras 4 e 5, a ocorrência da língua francesa é grafada sem o uso conjunto da língua portuguesa, em uma loja brasileira, em região constituída majoritariamente por falantes de português. O visual mostra que: 1. ainda que os ecossistemas sejam de transição, o uso das línguas de maneira privilegiada aponta processos de desfazimento da homeostase da língua; 2. a escolha da língua empregada no visual sinaliza as mudanças feitas no Ecossistema Integral de Língua Portuguesa e o poder/prestígio da língua (francesa) justificados, muitas vezes, por escolhas extralinguísticas, como peso econômico, relações sociais, aspectos individuais.

Refletindo a realidade vivenciada pelas comunidades, a paisagem linguística imprime as contextualizações e manifestações, sendo essas preponderantemente *botton-up* e *in vivo*, isto é, escolhas políticas de uso linguísticos feitas no dia a dia e sem ordenamentos que subsidiem legalmente essas escolhas.

**Figura 6:** Escrito *botton-up* com característica *top-down*



Fonte: registro das autoras (2021).

**Figura 7:** Escrito *botton-up* pensado para atendimento voltado à comunidade de língua francesa



Fonte: registro das autoras (2021).

As Figuras 6 e 7 expressam os acordos linguísticos. A primeira aplica uma interdição para a prática de fumo dentro de um hotel com a frase “*La Loi interdit de fumer ici*” e regula a interdição com a citação da lei “*loi du 11 août 2006 relative à la lutte antitabac*”, campanha do governo francês contra o tabagismo, o que ressalta que esse escrito está direcionado fundamentalmente aos clientes franceses que se hospedam naquele empreendimento, uma placa produzida de forma privada, mas que faz uso de mecanismos produzidos pelo governo (cabendo ressaltar que o estabelecimento entende que, assim como a língua, a legislação do país vizinho também é válida em território brasileiro). Na segunda, mostra-se a propaganda escrita em francês “*Lavage de voiture RENATO*”; além do uso da língua, a placa reafirma a escolha da comunidade de língua preferencial por seu posicionamento (localizada na via principal de saída da ponte internacional, que permite somente a travessia de veículos vindos da Guiana Francesa).

Alguns acordos linguísticos vão além do uso do francês: as Figuras 8 e 9 foram coletadas na praça central da cidade e retratam o uso do inglês, que é inserido como terceira língua e com caráter simbólico:

**Figura 8:** Denominação trilingue com caráter simbólico



Fonte: registro das autoras (2021).

**Figura 9:** Denominação bilíngue que não contempla a língua oficial do território



Fonte: registro das autoras (2021).

A presença de uma terceira língua indica o tráfego de falantes de outras línguas, como é o caso dos habitantes da Guiana Inglesa – *Cooperative epublico f Guyana*, que trabalham ou vão a essa área a passeio, podendo ser também o papel do inglês como língua globalizada. A grafia transparece duas intenções: diversidade do público a ser atendido, pois o adesivo com o nome do estabelecimento (Figura 8), Café *House Bistrô e Bar*, foi escrito de forma particular – *botton-up*, sinalizando que o estabelecimento tem fluxo de clientes falantes de português, francês e inglês; influência de uma língua globalizada, o inglês, em espaço plurilíngue, pois a Figura 9 mostra a supressão da língua oficial brasileira para inserção do inglês como língua com maior prestígio.

Outra marca da política linguística encontrada na paisagem são os escritos produzidos por instituições públicas com intuito de orientar a comunicação entre servidores e munícipes.

**Figura 10:** Identificação de setor e orientação para uso de máscara implementado pela Prefeitura de Oiapoque



Fonte: registro das autoras (2021).

A Figura 10 apresenta placas feitas de forma *in vitro* e *top-down* na condição de ações advindas de estudos e acordos interinstitucionais, as quais se concretizam

como implementações governamentais com funções informativa e normativa, instaladas em instituições públicas, como a prefeitura. Torquato (2010) caracteriza esse tipo de política como o desenvolvimento de ações idealizadas por especialistas que buscam compreender, estudar e propor ações regulatórias para os imbróglis linguísticos próprios da comunidade estudada, e, de posse dos resultados desses estudos, os agentes políticos elaboram as propostas para serem aplicadas. Contudo, o estado também executa ações pontuais sem a realização de estudos, como é o caso registrado na Figura 10.

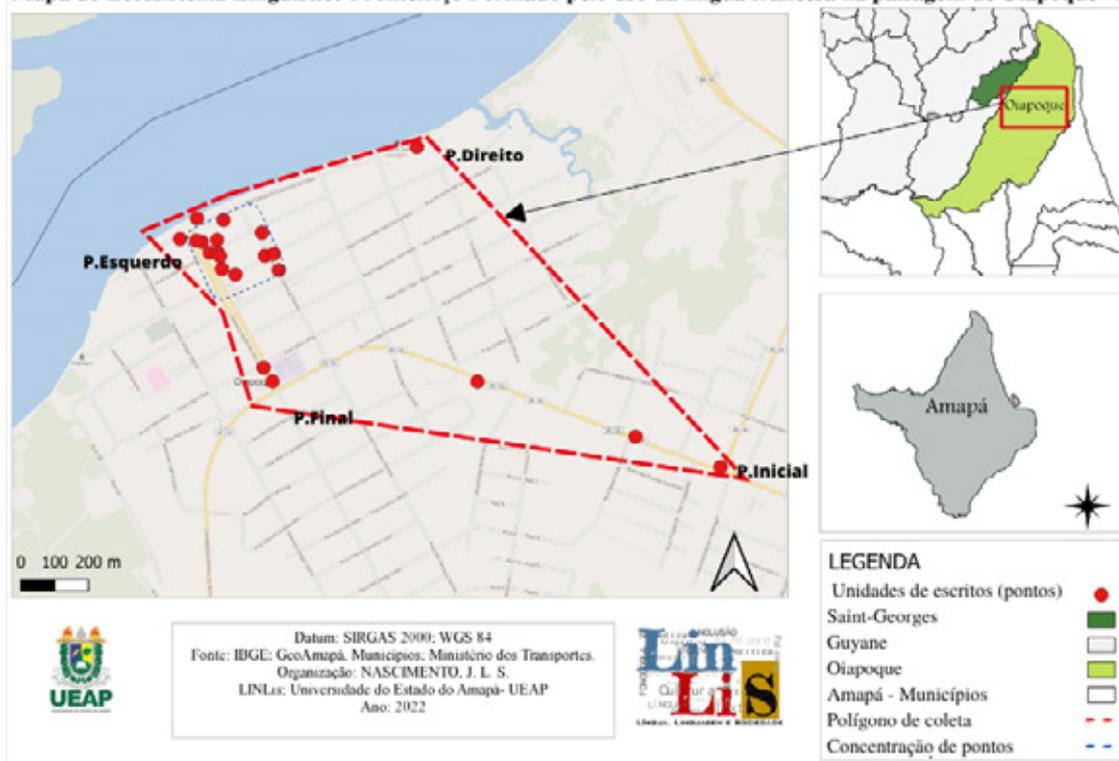
As informações presentes nas placas são decorrentes de acordos intergovernamentais para realização de campanhas de combate ao SARS-CoV-2 (covid-19). Na primeira placa, apresenta-se a informação inicial em francês, indica-se a seção “*CHEF D’EQUIPE – LE BUREAU DE MAIRE*”, e, após, com fonte ampliada, escrita na parte central do aviso e cor (azul) diferenciada, a mesma mensagem é disposta em língua portuguesa, “CHEFE DE GABINETE – GABINETE DO PREFEITO”. Essa diferença marca, por um lado, o direcionamento principal do escrito – os brasileiros –, e, por outro, confere reconhecimento à presença e ao uso da língua francesa no território brasileiro por aquela comunidade.

A segunda placa, contudo, está escrita inteiramente em língua francesa e reapresenta a obrigatoriedade do uso de máscaras, não apenas demonstrando que o poder público faz uso oficial do francês, mas que elabora informativos particularmente direcionados ao público francófono e, possivelmente, monolíngue.

Somam-se a essa análise as relações entre meios ambientes e as organizações linguísticas feitas pelos falantes responsáveis pela produção dos escritos. Relacionado ao meio ambiente natural, que é o especificado aqui, não apenas como o espaço físico, mas, também, os aspectos geográficos e a base da vivência humana, e aplicando essa afirmação ao estudo, podemos complementar que, quando temos as línguas presentes em duas áreas, tanto na paisagem quanto configuradas por PL, conseguimos fazer a extração de uma área física, composta por falantes, elementos que norteiam e refletem o uso da língua e caracterizá-lo como um ecossistema linguístico, conforme configurado em:

## Mapa 2: Ecossistema linguístico fronteiroço

### Mapa do Ecossistema Linguístico Fronteiroço Formado pelo uso da língua francesa na paisagem de Oiapoque - BR



Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

O georreferenciamento da paisagem, somado ao registro imagético, mostra a relação entre o escrito e o *locus*. Na cidade de Oiapoque, as placas analisadas, representadas pelos pontos marcados na malha urbana, concentram-se no centro da cidade, o que permite afirmar que a língua faz parte das relações cotidianas; são elas de ordem comercial e informativas e são utilizadas para auxiliar os falantes nas interações binacionais, refletem também os aspectos de territorialidade e da formação das comunidades de fala. Essa língua ultrapassa as barreiras territoriais impostas pelos governos do Estado-nação, afirmação que pode ser constatada através dos pontos no mapa que indicam a presença de escritos públicos provenientes dos acordos políticos feitos nas práxis diárias, uma vez que seus falantes fazem o intercâmbio diário e entendem a fronteira como espaço uno de vivência. Para exemplificar essa afirmação, temos a situação ocorrida quando um francês vai ao Município de Oiapoque e se comunica em francês com um brasileiro e este alterna a língua para formalizar a interação, incentivado por políticas linguísticas já mencionadas. Nesse ato, pode-se verificar o fenômeno da interação linguística e da confirmação desse espaço de transição.

O estudo mostra a necessidade de entendimento da língua através de seus “encaixamentos” – termo que Couto (2007) utiliza para explicar que organismos mais simples formam encadeamentos com regulações até a formação de um ecossistema. Do mesmo modo que a célula está contida em organismos pluricelulares

que formam ninhos, colônias, populações e todo contexto macro, as línguas centrais (ou oficiais) também aglutinam línguas periféricas, que são faladas por outras pessoas, possuindo culturas distintas, estando ou não em uma mesma região, formando comunidades de fala, que formam comunidades de línguas e seu Ecosistema Integral da Língua, as quais aglutinam espaços geográficos, podendo ser limítrofes a outras nações, e encontram outras línguas (periféricas ou centrais). Quando aplicamos o conceito de porosidade aos ecossistemas linguísticos, podemos visualizar a formação das fronteiras binacionais como áreas de transição de línguas, envolvendo tanto línguas oficiais quanto não oficiais, majoritárias e minoritárias. No caso da fronteira franco-brasileira, português e francês, bem como os crioulos em uso na região circulam em ambos os lados, sem que se delimite com precisão a extensão do alcance dessas línguas ao longo dos territórios, tampouco o imbricamento que se opera a partir do contato.

A consideração da complexidade desses ecossistemas na compreensão das inter-relações linguísticas possibilita a discussão de estratégias de conservação e preservação das línguas, principalmente das minoritárias. A formação natural dessas porosas precisa ser desmistificada para que, assim, seja possível reduzir a perda de línguas e alcançar a homeostase dos ecossistemas linguísticos. É imprescindível que as políticas linguísticas *in vitro* considerem a análise do ecossistema natural das línguas como elemento primordial na implementação de planejamentos e práticas. O reforço de que a língua é a comunicação precisa ser ladeado ao entendimento de que a língua é parte e constitui seus próprios ecossistemas.

## **Considerações finais**

Conforme o explicitado neste estudo, o francês é uma língua endêmica da região-núcleo fronteira, atuando conjuntamente a outras, que se enquadram em níveis menores, desempenhando suas funções nos ecossistemas.

O objetivo central deste trabalho foi investigar como e se a paisagem linguística revela as organizações políticas adotadas pelos falantes das línguas. Assim sendo, o objetivo foi alcançado por meio do mapa final com o recorte dessa área que possibilita a visualização desse ecossistema plurilíngue; da língua francesa como espécie ocorrente no município de Oiapoque, fazendo parte das interações fronteiriças, através do registro fotográfico que identifica a relação entre o escrito e o meio ambiente natural da língua, além do reconhecimento da linguodiversidade local presente na paisagem linguística do núcleo de transição das línguas.

A hipótese de partida se confirma pelas placas coletadas tanto no lado brasileiro quanto no lado francês, assim como nas respostas obtidas nas entrevistas em que os informantes falam sobre o uso da língua, reconhecem a necessidade de uso das línguas em atendimentos públicos ou privados e na formação das comunidades de falas.

Como resultado principal, o presente trabalho comprova a carência de políticas linguísticas *in vitro* e respectivamente de paisagem linguística *top-down* que fomentem uso das línguas próprias da fronteira, revelando urgência na gestão do plurilinguismo característico dessa área. A análise da paisagem sob a ótica da ecolinguística possibilita o emprego de técnicas e conceitos holísticos, e essas aplicações auxiliam o planejamento, a implementação e a manutenção das línguas endêmicas da região, principalmente as minoritárias, auxiliando na preservação dessas línguas e na manutenção desse ecossistema.

A linguodiversidade é importante em diversos aspectos, podem-se contabilizar os valores sociais, familiares, culturais, econômicos, educacionais. Cada língua apresenta seu papel no ecossistema, e, quando uma espécie é morta (entra em extinção), os impactos podem ser sentidos em todo ecossistema local, regional e, por vezes, mundial. Preservar uma língua é garantir que um povo, seu conhecimento, sua cultura e toda sua singularidade se mantenham vivos.

Por fim, cabe lembrar que a área fronteira já possui diversos estudos importantes para aclarar as dinâmicas interacionais próprias dessas áreas, contudo, existe muito a ser estudado, podendo-se salientar o estudo ecológico das línguas hipercentrais em comparação com as línguas periféricas, evidenciando os impactos causados na linguodiversidade fronteira. Assim, espera-se que este trabalho seja um norteador para estudos posteriores, contribuindo com pesquisas ecolinguísticas inovadoras sobre a fronteira franco-brasileira.

## **LES ÉCRITS PUBLICS FRONTALIERS: UNE ÉTUDE DU PAYSAGE DE LA FRONTIÈRE OIAPOQUE – SAINT-GEORGES AU REGARD DE L'ÉCOLINGUISTIQUE**

**Résumé:** Cet article a pour but de présenter la cartographie des écrits publics présents dans le paysage franco-brésilien comme un résultat de l'investigation de comment et si le paysage linguistique de la frontière expose les stratégies politico-linguistiques qui sont adoptées par les locuteurs portugais et français en contact dans la région et comment ces stratégies opèrent dans le façonnement de l'écologie linguistique. En outre, le travail vise à classer et à catégoriser les écrits publics de Oiapoque et à élaborer un scénario de ces politiques *in vitro* et *in vivo*. Les analyses proposées sont réalisées sous les perspectives théoriques-méthodologiques provenant des discussions ecolinguistiques de Haugen (1972), Couto (2002-2018), Albuquerque (2020), associées aux propositions sur la politique linguistique de Calvet (1996-2002), Savedra et Lagares (2012), Spolsky (2016), ainsi que sur la constitution de l'environnement comme espace reflétant les dynamiques linguistiques, avec les approches sur le paysage linguistique de Shohamy et Gorter (2009) qui sont fondamentales pour la compréhension des écosystèmes et de leurs espèces linguistiques. Il s'agit d'une étude quantitative-qualitative et descriptive basée sur la collecte d'images de la langue française dans le lieu de recherche. En général, on a remarqué que le paysage linguistique est en soi une des stratégies d'interaction communicative illustrant les utilisations quotidiennes des langues dans l'écosystème. On a également observé que les signes tendent à être le cadre référentiel de ces stratégies; il s'agit d'un paysage plurilingue, concentré principalement dans la partie centrale de la ville et qui tend à provenir d'accords personnels, avec des objectifs informatifs et des caractéristiques locales, reflétant le bilinguisme endémique de la région.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Davi Borges. A ecologia da interação comunicativa: metodologia e análise. *Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 124-154, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- CALVET, Louis Jean. *Les politiques linguistiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CENOZ, Jasone; GORTER, Durk. Linguistic, landscape and minority languages. *International journal of Multilingualism*, v. 3, p. 67-80, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/255593078>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- COUTO, Hildo Honório. Ecolinguística (Ecolinguistics). *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 125-149, 2009.
- COUTO, Hildo Honório. Ecolinguística. *Iesplan*, p. 1-26. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/3>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório. Linguística Ecosistêmica. *Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel>. Acesso em: 10 set. 2021.
- COUTO, Hildo Honório. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COUTO, Hildo Honório. O que vem ser a Ecolinguística afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- DAY, K. C. N. *Políticas linguísticas educativas em conflito no Amapá: impactos e contradições da LDB 9394/96 e da Lei 11.161/2005*. 2016. 198 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- DOURADO, Zilda. *Ecosistema cultural: as inter-relações entre língua, corpo e cultura na roda de capoeira*. Brasília: Anderson Nowogrodzki da Silva Editor, 2018.
- GONÇALVES, Dania Pinto. *Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai*. 2021. 153 f. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233742>. Acesso em: 23 maio 2022.

JIMENEZ, Arratia Jiménez. Dinámicas territoriales y discursos sobre biodiversidad en una comunidad andina de Bolívia. *Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 52-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; LAGARES, Xoán Carlos. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, v. 1, p. 11-27, 2012.

SHOHAMY, Elana; GORTER, Durk. *Linguistic landscape: expanding the scenery*. New York: Routledge, 2009.

SILVA, I. da; SANTOS, M. E. P.; JUNG, N. M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 10, n. 4, p. 1.257-1.277, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/34798>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de; SOARES Maria Elias. Um estudo sobre as políticas linguísticas no Brasil. *Revista de Letras*, Ceará, v. 1, n. 33, p. 102-112, 2014.

SPOLSKY, Bernard. *Language policy*. Somerville: Cascadilla Press, 2005.

SPOLSKY, Bernard. Políticas linguísticas: uma entrevista com Bernard Spolsky. *Revel*, v. 14, n. 26, 2016. Tradução: Ana Carolina Spinelli e Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?mode=especial>. Acesso: 20 ago. 2021.

TORQUATO, Cloris Porto. Políticas linguísticas, linguagem e interação social. *Revista Escrita*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 1-29, 2010.

*Recebido em 13 de outubro de 2022*

*Aceito em 30 de novembro de 2022*